

## O fanatismo da política da fé: Reflexões à luz de Michael Oakeshott

### The Fanaticism of the Politics of Faith: Reflections in the Light of Michael Oakeshott

DOI: 10.20873/rpvn10v2-45

**Thiago Santiago**  
**E-mail:** thiagovsck@gmail.com  
**Orcid:** <https://orcid.org/0000-0001-9089-0390>

#### **Resumo**

O presente artigo tem por objetivo analisar as confluências que o comportamento fanático compartilha com a concepção de política da fé, elaborada por Micheal Oakeshott. A primeira parte da análise apoia-se na reflexão de Robert Musil e Emmanuel Lévinas acerca da utilização de uma filosofia — a hitlerista — para fundamentar o uso, sistematizado e racional, da violência, a fim de explicitar os efeitos da normalização de uma filosofia desumana em um sistema político. O segundo momento é direcionado a evidenciar as características religiosas do fanatismo político, interligando-as com o pensamento do filósofo Eric Hoffer, buscando examinar as premissas que justificam a violência por parte do comportamento das massas, conectando-as com as hipóteses sobre como o ser humano adere uma ideia. Ao final, a terceira e a quarta parte são guiadas, respectivamente, pela introdução ao pensamento político de Oakeshott, fundamentando o núcleo argumentativo do artigo, e as considerações acerca das convergências do fanatismo com a estrutura da política da fé.

#### **Palavras-chave**

Fanatismo. Política da fé. Violência. Micheal Oakeshott.

#### **Abstract**

The present article aims to analyze the confluences that fanatic behavior shares with the conception of the politics of faith, as developed by Michael Oakeshott. The first part of the reflection begins with the use of a philosophy — the Hitlerian one — to ground the systematic and rational use of violence, in order to make explicit its normalization within a political system. The second section seeks to highlight the religious characteristics of political fanaticism, linking them to the exaltation of something that justifies violence and to hypotheses concerning how human beings come to adhere to an idea. Finally, the third and fourth parts are guided, respectively, by an introduction to Oakeshott's political thought and by considerations regarding the convergences between fanaticism and the structure of the politics of faith.

#### **Key-words**

Fanaticism. Politics of Faith. Violence. Michael Oakeshott.

## Introdução

Após os acontecimentos massacrantes do século XX, a importância da reflexão acerca da humanidade cresceu, especificamente no que tange a potencial desumanidade que a política exerce sobre os indivíduos, pois os objetivos - que acarretaram em um grande derramamento de sangue e arrancaram do ser humano toda a sua dignidade – não tinham como fim apenas o domínio de uma parte da terra, a soberania dos mares ou a eliminação de um inimigo externo; o fim requerido buscava ditar a ordem de todas as coisas, e com isso, fazer da história a sua política.

O problema que este artigo busca evidenciar está para além das avaliações dos objetivos geopolíticos da guerra; a pertinência teórica encontra-se viva na filosofia de Michel Oakeshott, quando o mesmo redige o manuscrito *Política da fé e política do ceticismo*, levantando uma análise sobre, de acordo com o autor, as duas maneiras de exercer a política; não somente no que tange as institucionalidades, mas principalmente aos referentes modos de se pensar a política – fé e ceticismo.

O inglês Michel Oakeshott presenciou o seu país enfrentar bombardeios por 57 dias seguidos, vivenciando os toques de recolher e a cidade estremecer, enquanto ele e seus conterrâneos se escondiam em porões e estações de trem para fugir dos incessantes ataques na Alemanha Nacional-Socialista. Porém, os ataques em questão não são, como dito anteriormente, fundamentados em propósitos convencionais de guerra; o domínio que Hitler pretendia ter sobre a Europa era fundado na sua filosofia política, em suma, não se restringia a mera megalomania, ainda que também fosse.

Quando a guerra é levada aos holofotes, só é visto, em primeira instância, carne, ossos e explosões, sucedidas de lágrimas e uma pergunta basilar: Por que? A resposta é sempre nebulosa, pois a guerra, em seu estado mais crítico, faz surgir o homem hobbesiano, do qual não consegue agir de outro modo senão através da máxima “matar para sobreviver”. Entretanto, o que diz aquele que não puxou o gatilho? O que sente aquele que não teve a mínima chance de se defender e logo foi alçado à categoria de “coisa”? Eis a grande primeira grande reflexão, acerca do próprio nazismo; o homem hobbesiano se mantém com todas as suas características

animalescas, exceto uma, o uso monstruoso da sua racionalidade para justificar toda a sua violência.

Portanto, o “homem hobbesiano” do século XX usou de bandeiras, hinos e política para embasar o seu estado de natureza brutal, e com isso transformou sua nação em um símbolo que carrega consigo a síntese do “o homem é o lobo do homem”. Porém, há uma nova reflexão quando saímos de um único indivíduo, como Hitler, para uma nação, como a Alemanha nazista. É importante frisar que os alemães, em sua totalidade, não apoiaram a ideologia nazista, contudo, existiu aqueles que aderiram ao movimento, também os que se mantiveram contra, e por fim, aqueles que se mantiveram apáticos.

Por decorrência, a segunda reflexão se faz presente ao identificar que a violência imposta ganha força e projeção por meio de uma massa, acarretando na própria fortificação de um líder ou um pequeno grupo fomentador da monstruosa racionalidade anteriormente mencionada. Em vista disso, a antropologia de Thomas Hobbes toma uma forma racional para justificar a sua ferocidade, transformando-a em política, passando a ser adquirida por um maior número de pessoas; dessa maneira, a violência se faz “teoria social e política”, e os adeptos se tornam uma espécie de massa fanática.

Por fim, Michel Oakeshott é de suma importância para a interlocução destas reflexões ao passo que o mesmo expõe as suas críticas aos dois modos de fazer e pensar a política, sendo um deles – a política da fé – o ponto crucial para se interpretar alguns dos movimentos totalitários do século XX, especialmente a Alemanha de Hitler e sua filosofia política; a política da fé dialoga com a substância da guerra, que está para além da pólvora; dialoga com a violência a medida em que a mesma se encontra no seu estado de *nêmesis*, ou seja, no momento em que a sua forma de fazer e pensar politicamente se torna a única forma vigente. Hitler buscava por todos os meios impor o mundo ao seu modo, modo este que o mesmo acreditava ser perfeito, seja por meio da raça ou da política estatal; a perfeição, portanto, parece ser um peso centralizador da sua ideia.

Sumariamente, há pontos de convergência que tange os problemas da política da fé e os movimentos totalitários, que por meio do seu ímpeto fanático, estabelece que “nenhum preço

será considerado elevado para pagar pela perfeição” (OAKESHOTT, 2018). Ao fim e ao cabo, o objetivo deste artigo é elaborar uma reflexão ao que concerne a linha de interseção entre política, fé e fanatismo, de modo que seja possível compreender os fins da guerra por outros meios. Por último será necessário percorrer bibliografias específicas do século XX, afim de nos aproximar dos pensadores que vivenciaram a ascensão e a queda do movimento nazista e a sua política da fé.

### A razão que busca a violência

Para adentrar neste primeiro momento, é oportuno iniciar com um trecho do artigo de Emmanuel Lévinas, *Quelques réflexions sur la philosophie de l'hitlerisme*:

Agrilhoado a seu corpo, o homem lhe vê recusado o poder de escapar a si mesmo. A verdade para ele já não é a contemplação de um espetáculo alheio a si – ela consiste num drama onde o próprio homem é o ator. É sob o peso de toda a sua existência – que comporta dados sobre os quais não é possível voltar – que o homem dirá seu sim ou seu não (LEVINAS, 2020, p. 66).

Na passagem em destaque, Lévinas discorre sobre um dos aspectos gerados pela filosofia hitlerista; o agrilhoamento do corpo. O corpo, que antes era o catalizador das experiências, sensações e da própria essência, agora, com a concepção hitlerista, passa a ser uma prisão do próprio Eu. O indivíduo, antes dotado de uma mínima liberdade sobre si, é enclausurado dentro de uma filosofia que comprehende que o corpo está mais próximo de uma “coisa” do que do espírito; dessa maneira “a essência do homem já não está na liberdade, e sim numa espécie de agrilhoamento” (LÉVINAS, 2020).

A construção de uma racionalização da violência passa diretamente pela elaboração de um ser humano preso à uma razão violenta; em síntese, para normalizar um estado de natureza brutal, é mais fácil fundamentar um novo humano do que o ensinar a ser um prisioneiro dele mesmo. É através da criação de uma razão baseada em arquétipos pré concebidos que “o homem já não se encontra perante um mundo de ideias onde poderia escolher sua verdade para si mesmo, por uma decisão soberana de sua livre razão”, ao invés disso, nasce um homem incapaz de identificar o outro – que é diferente – como um semelhante, pois se encontra enrijecido

em seu ideal “tal como está vinculado por seu nascimento a todos os que são de seu mesmo sangue” (LÉVINAS, 2020).

Portanto, é por meio da racionalização da indiferença ao outro que o terreno da violência se faz fértil, tendo em vista que não é natural a opressão para com um igual. Na filosofia hitlerista, esse percurso toma escadas antropológicas, onde o ódio, a repulsa e a crescente vontade de eliminá-lo se sustenta pela incapacidade de compreender aquele humano como um semelhante. Porém, quando se trata de uma escala política, a filosofia toma grandes proporções; a hostilidade antes sentida por um, agora é proliferada em uma multidão. Tomando a dimensão de uma multidão, essa agressividade se torna ainda mais selvagem, como podemos perceber no trecho em que Freud menciona o pensamento de Mac Dougall:

Para ele, essa massa é sobretudo excitável, impulsiva, apaixonada, versátil, inconsequente, indecisa e ao mesmo tempo inclinada a chegar em sua ação aos maiores extremos, acessível somente às paixões violentas e aos sentimentos elementares, superficial em suas reflexões, violenta em seus julgamentos, com a capacidade para assimilar somente os argumentos e as conclusões mais simples e imperfeitos, fácil de se conduzir e de comover. [...] Nos casos mais graves, conduz-se antes como um rebanho de animais selvagens do que como uma reunião de seres humanos (FREUD, 1950, p. 30).

Não obstante, as questões sobre a característica fanática das multidões serão abordadas mais adiante.

É possível afirmar que entre as propostas requeridas por Hitler, a sua mais intima era a de reformar o ser humano, começando por dentro das fronteiras da sua própria nação. Parte da nação alemã, esmorecida com a derrota na primeira guerra, se encontrava desolada, perdida em um amago de crise existencial, pois a guerra, não se encerra apenas em objetivos geopolíticos, não gera apenas danos econômicos; a guerra pode ser vista também como a imposição da identidade de um sobre o outro. Logo, a derrota não é apenas física, mas também moral.

Por conseguinte, a Alemanha do século XX se encontrava em um infeliz estado de recepтивidade para algo que os fizesse superar essa derrota moral; ao fim, encontraram alguém que reacendeu a chama nacionalista, mas em contrapartida, transformo-os em cumplices de um movimento terrível. E a multidão, que antes estava sentido o amargo pós guerra, por um instante sente-se entrelaçada na nova política que impulsiona os seus espíritos, porém, logo se encontra

agrilhoada à uma concepção de mundo que julga ser a detentora do “terceiro ato”, em que o mundo irá finalmente encontrar a perfeição – banhada de sangue e com berros de devoção.

Robert Musil, em seu ensaio *Ruminações de um lerdão*, pressentia, ainda em 1933, quais caminhos a Alemanha estava percorrendo em relação à Hitler ao afirmar que “é um grande erro achar que ele seja apenas um agitador; ele é o principal objeto de culto” (MUSIL, 2020). Dessa maneira, Hitler conseguiu fazer parte da nação catalisar o espírito nazista; camuflado de nacionalismo exacerbado e ressentimento, seres humanos começaram a não conseguir mais distinguir o “outro” da “coisa”.

Em síntese, a filosofia hitlerista conseguiu elaborar e incorporar a sua racionalização horrenda, justificando, deste modo, todo e qualquer tipo de meios para alcançar o fim. Fez do discurso o espírito da multidão; esta mesma multidão não percebeu que aquelas bandeiras e aquele discurso não representavam nada além da mais pura desumanização, e “foi com os olhos bem abertos que não vimos absolutamente nada” (MUSIL, 2020).

## O aspecto religioso do fanatismo político

Na política, a propagação de uma ideia, seja positiva ou negativa, depende da adesão da massa em relação a ela. Necessita também de um grupo, ou uma pessoa, que construa os pormenores desta mesma ideia, a fim de sistematizar a disseminação da mesma. Entretanto, pode haver o caso em que aconteça uma sistematização e a massa não a aceite; neste caso, há duas hipóteses sobre esta rejeição: 1º) A massa não aderiu a ideia porque a julgou inadequada, 2º) A massa não aderiu a ideia pois não foi convencida dela.

A primeira hipótese supõe que a ação que gerou a rejeição parte do ato de julgar, ou seja, na melhor das condições, as pessoas usaram a razão para decidir; podendo haver, é claro, a influência de aspectos para além da razão, como a tradição e a própria emoção, mas, coloquemos aqui apenas o uso racional. Na segunda hipótese temos um menor protagonismo da razão e um destaque maior para as contingências relacionadas ao convencimento, logo, a rejeição não foi

gerada pelo questionamento racional, mas pela baixa conexão – identificação – com a massa; em outras palavras, a ideia não as afeiçoou.

Portanto, é nítido perceber que, principalmente, em uma nação que as pessoas fazem parte do debate público e exercem seu direito de escolher seus representantes, a maioria, engajada em uma ideia, irá sobrepor-la sobre outras. Porém, como dito anteriormente, é necessária uma adesão, essa adesão pode ser adquirida em maior medida pela razão ou pode ser negada pela ausência de identificação: aqui, identificação deve ser compreendido como o afeiçoamento da massa. Porém, a importante questão a ser alçada é sobre as massas que aceitam uma ideia, sobretudo, pelo meio do afeiçoamento.

Eric Hoffer, em sua renomada obra *Fanatismo e os movimentos de massa*, percebe que o *entusiasmo* parece ser um ponto de partida para o inicio de um movimento ativo das massas. Esse entusiasmo advém de uma crescente vontade de mudar as coisas, e sobretudo, de agir de forma rápida, dessa maneira, mais voltada ao lado impulsivo; a concepção do escritor americano assemelhasse ao afeiçoamento, momento em que uma massa adere uma ideia por meio da identificação. Porém, há uma linha tênue entre a adesão de uma ideia, por meio da identificação, e a adesão da mesma por meio de um entusiasmo, a ponto que os dois momentos podem ser unidos em uma só causa; em vista disso, a reflexão parte da junção de ambas.

Se faz necessário salientar que a identificação não é exclusivamente a ausência de um uso racional, mas que se aproxima do aspecto emocional do ser humano. Devido a essa aproximação, o aparecimento de um espírito entusiástico é potencialmente maior, pois o entusiasmo sim, se encontra mais distante da racionalidade e mais próxima das paixões. Por decorrência, Hoffer acrescenta que existe também uma *fé* na base dos movimentos de massa; esta fé não se restringe somente à uma doutrina religiosa em si, mas em uma crença absoluta de que a política aderida pelo movimento é a única capaz de fazer mudanças verdadeiramente significativas.

Por consequência de uma anuência da massa à uma política, advinda de uma identificação, reavivada em entusiasmo, e sustentada pela característica fanática – a fé cega –, que o movimento de massa desenvolve as suas potencialidades de violência, agora sistematizada em uma

estrutura de ideias políticas. É fundamental citar o que o contemporâneo da segunda guerra mundial, Eric Hoffer, diz a respeito desta fé cega e suas capacidades:

Os homens que se entregam a empreendimentos de grandes mudanças geralmente sentem que estão de posse de uma força irresistível [...] Lenine e os bolchevistas que mergulharam ousadamente no caos da criação de um novo mundo tinham uma fé cega na onipotência da doutrina marxista. Os nazistas não possuíam nada tão potente quanto essa doutrina, mas tinham fé num líder infalível e também numa nova técnica. Pois é de duvidar-se que o Nacional Socialismo tivesse feito tão rápido progresso se não fosse pela convicção eletrizante de que as novas técnicas de *blitzkrieg* e de propaganda tornavam a Alemanha invencível (HOFFER, 1968, p. 11-12).

Mediante essas condições, se torna perceptível que o fanatismo de uma massa não se finda na identificação; é necessária uma espécie de fé. Porém, está fé, afirma Hoffer (1968), é principalmente um processo de identificação; o processo pelo qual o indivíduo cessa de ser ele mesmo e torna-se parte de algo maior. Dessa maneira, a forma de fazer e pensar a política ganha o aspecto religioso, e suas ações não são mais mediadas pelos pesos e contrapesos, pela avaliação crítica ou através do diálogo divergente; tudo é permitido por meio de uma legitimidade praticamente divina.

Há muito o que dizer sobre o fanatismo, principalmente sobre esse fanatismo político-religioso, e todas as consequências nefastas que ele pode causar. Contudo, é valoroso retornar à Lévinas e Musil, quando ambos manifestam as suas críticas ao movimento Nacional Socialista; quando o primeiro fala sobre o “agrilhoamento” e o segundo fala sobre o “objeto de culto”. Ora, é nítido perceber que as características de um movimento de massa induzem uma diluição da consciência do indivíduo em uma consciência coletiva – fanática –, causando um determinado agrilhoamento, ao mesmo tempo que o mesmo movimento cultua devotamente uma concepção – um líder.

### **Fé e ceticismo: a simplificação dos extremos**

Antes de irmos para a relação entre política da fé e os movimentos de massa fanáticos, é fundamental fazer algumas ponderações sobre os mesmos. É indispensável frisar que movimentos de massa não são um mal em si, mas podem se tornar, dependendo do processo de

composição da mesma em relação aos seus ideais e aos objetivos a serem alcançados. É inegável que a massa tem uma maior possibilidade de criar situações de mudanças positivas, reformas antes não imagináveis e abrir espaço para novas políticas que propaguem uma conduta que respeite o ser humano com a dignidade que ele merece.

Entretanto, há uma nebulosa linha ética e moral entre os meios violentos para se chegar em um fim que se justifica positivo; afirma Christopher Dawson (2011): As soon as men decide that all means are permitted to fight na evil, then their good becomes indistinguishable from the evil that they set out to destroy.<sup>1</sup> Apesar disso, a investigação proposta aqui não se propõe a resolver estas questões, porém, é de suma importância destacar as complexidades que a política está sujeita, pois uma das características do fanático é a tendência ao extremismo, e os problemas que são complexos em muitos níveis, são transformados em simples cálculos de soma e subtração pelo mesmo.

Não obstante, a complexidade da política, especialmente no que consiste a sua linguagem, já aparece como uma importante etapa parar iniciarmos no pensamento de Michel Oakeshott, que findará na política da fé. O filósofo identifica que a política manifesta uma ambiguidade linguística que dita os modos de pensa-la; partindo da análise que “a ambiguidade do nosso vocabulário político decorre do fato de ter sido compelida, por quase cinco séculos, a servir dois senhores” (OAKESHOTT, 2018, p. 55). Esses dois senhores são a política da fé e a política do ceticismo.

A política, portanto, é ambígua, sendo ramificada em duas formas; a fé e o ceticismo. A política da fé seria aquela que acredita ser possível a perfeição humana, em sentido antropológico e também institucional: “Portanto, um dos pressupostos característicos da política da fé é que o poder humano é suficiente, ou pode vir a sê-lo, para obter a perfeição” (OAKESHOTT, 2018, p. 62). Por consequência dessa base fundamental, essa maneira de fazer política executa na realidade os meios que ela julga necessário para alcançar a perfeição; o governo passa a ser uma espécie de criador.

---

<sup>1</sup> Tradução nossa: [“Assim que os homens decidem que todos os meios são permitidos para combater o mal, o bem deles tornam-se indistinguível do mal que eles pretendiam destruir.”]

A política do ceticismo se põe do lado oposto à ideia de que a perfeição é alcançável; para ela, o “aprimoramento” toma o lugar da “crença na perfeição”. Com essa maneira de pensar a política, o aprimoramento não está ligado ao ser humano em si, mas ao sistema vigente. Logo, o ceticismo se funda pela constante desconfiança geral, porém, em grande medida, direcionada a crença e aos meios para se chegar a uma suposta perfeição: “[...] o ceticismo não deve ser identificado nem com a anarquia nem com o individualismo radical [...] Pelo contrário, a política do ceticismo comprehende a atividade de governar de forma bastante específica, desvinculada da busca da perfeição” (OAKESHOTT, 2018, p. 68).

A pertinência em destacar essa ambiguidade se faz presente justamente no momento que o extremismo do fanático se impõe. Oakeshott, apesar da sua maior afinidade à política do ceticismo – muito por conta do período em que viveu –, não descarta por completo a política da fé – ainda que terça muitas críticas a ela –, pois acredita ser na ambiguidade que a política é exercida. É a partir da complexidade da política que o mundo se desenvolveu, e não será a *simplicificação* fanática às complexidades que encontrá-la modos de desenvolvimento:

Sendo o caráter da nossa política aquilo que é – inevitavelmente complexo -, devemos aprender a explorar suas virtudes. E não há dúvida de que poderíamos aproveitar suas virtudes mais plenamente, evitando seus vícios de uma maneira mais adequada, se nos afastarmos dos extremos e passarmos a explorar a área central que reside entre eles. De fato, a característica proeminente de um estilo complexo de política é a oferta de uma região intermediária habitável, na qual podemos escapar dos extremos autodestrutivos (OAKESHOTT, 2018, p. 183).

Portanto, ao examinar o pensamento de Oakeshott, é possível identificar sua preferência ao ceticismo e um maior número de críticas ao estilo da fé, porém, o mesmo não deixa de redigir críticas ao seu próprio campo de preferência, afirmado que a *nêmesis* do ceticismo acaba por tratar a política como um “jogo”, se colocando em uma posição de indiferença aos acontecimentos mais emergentes e inerte às mudanças que estão ao seu alcance. Logo, *A política da fé e a política do ceticismo* evidencia sua essencial reflexão ao contrapôs-se ao extremismo fanático encontrado nos movimentos de massa, que acredita que apenas um polo deve prevalecer, desconsiderando as dependências que os estilos tem entre si: “Sem o influxo exercido pela fé, sem o “perfeccionismo” que, como vimos, é tanto uma ilusão como uma ilusão perigosa, que evoca,

por si mesmo uma nêmesis, o governo, no estilo cético, é suscetível de se ver atacado pela nêmesis do quietismo político" (OAKESHOTT, 2018, p. 166).

## O caráter fanático da política da fé

Por fim, chegamos ao cerne da análise deste artigo; a relação entre fanatismo e política da fé. O percurso feito até aqui teve a finalidade de evidenciar as características que contribuem para a formação de um movimento de massa fanático; o uso da razão para justificar a violência, o espírito religioso de um fanático e o uso da simplificação para estabelecer a visão extremista. Em última instância foi introduzida as concepções de *Política da fé* e *Política do ceticismo*, de Michel Oakeshott, a fim de firmar uma filosofia que se contraponha às tendências dos movimentos de massa fanáticos.

A análise critica a ser exposta aqui, não se propõe a elaborar soluções definitivas para a realidade, tão pouco visa alçar o estudo à uma cartilha engessada, pois, o estudo filosófico é, sobretudo, "denunciar a baixeza do pensamento sob todas as suas formas" (DELEUZE, 1976, p. 87). Ora, o próprio pivô conceitual deste estudo, Oakeshott, explicita que uma política que é estabelecida em um extremo tende à autodestruição, portanto, a própria filosofia deve ser compreendida, também, como uma luta incessante contra os extremismos, logo, uma reflexão à cerca do intermédio.

Para uma melhor fundamentação do princípio desta seção, é essencial discorrer – assim como foi feito com o fanatismo – sobre as características da política da fé. Para isso, retornemos à característica do entusiasmo; partilhada pelos movimentos fanáticos. Foi visto que o escritor americano, Eric Hoffer, se utiliza da ideia do entusiasmo para iniciar sua reflexão a respeito dos movimentos de massa, sinalizando que esse traço é a força geradora de um movimento, seja ele religioso, revolucionário ou nacionalista. Ainda sobre essa característica, agora voltada à ótica da política da fé, Oakeshott (2018, p. 66) afirma: "a falta de entusiasmo será considerada um crime a ser prevenido por meio da educação e punido como traição".

O entusiasmo, por sua vez, é aquilo que une, mas na sua ausência, é aquilo que pune. Portanto, a agitação de uma massa fanática, em relação a um comportamento entusiástico, partilha semelhanças com o modus operandi da política da fé; o modo de agir desse estilo de política, exige, além da agitação, um certo nível de sentimentalismo para que possa funcionar: “Além do mais, seria adequado para uma atividade de governar que busca a perfeição requerer não apenas obediência ou submissão do governado, mas também aprovação e, até mesmo, amor” (OAKESHOTT, 2018, p. 66). Apresenta-se, assim, a característica sentimental, que fornece também um instinto de violência tribal.

O sentimentalismo assemelhar-se a segunda hipótese citada anteriormente, acerca da maneira em que uma massa adere uma ideia política; a escolha que parte da identificação – afeição – de uma massa. O sentimento é de suma importância para sustentar as bases de um movimento, devido o alto grau de conexão que ele pode gerar. Porém, o aspecto violento que o sentimento pode causar é crucial para compreender a massa fanática, pois, quando se está imerso da forma mais extrema possível em uma multidão, os indivíduos se tornam um só, e, portanto, qualquer coisa que se coloque de maneira levemente oposta à esta “alma coletiva”<sup>2</sup>, já é o suficiente para incitar a violência:

Assim, transitando sempre nos limites da inconsciência, sofrendo facilmente todas as sugestões, possuindo toda violência de sentimentos própria aos seres que não podem apelar para as influências da razão, desprovida de todo espírito crítico, a massa só pode ser um ser de credulidade excessiva. (LE BON, 2019, p. 34).

Entretanto, também foi exposto que a identificação – agora compreendida como potencialmente sentimental – pode adquirir uma roupagem diferente; a razão. A primeira hipótese – da adesão de uma ideia política – se refere ao uso da razão que gera a escolha. Entretanto, foi explicitado que essa racionalização pode buscar defender o uso da violência, justificando as suas ações; tal qual foi a tentativa da filosofia hitlerista. Em suma, os dois modos que geram uma escolha podem acarretar em uma opção mais impetuosa; o modo da identificação sentimental é, de longe, a mais propicia a se distanciar cada vez mais de qualquer reflexão critica das suas

---

<sup>2</sup> Alma coletiva é o conceito de Gustave Le Bon ao se referir às multidões, ou massas.

ações. Por outro lado, o modo da razão se aproxima do uso critico, contudo, a mesma pode desaguar em ações desumanas; todavia, o que acarreta no monstruoso uso da razão é o que nos interessa.

É preciso reavivar aqui o que Robert Musil chamou de “objeto de culto”, referindo-se à Hitler. A razão não opera sozinha, sempre há contingencias culturais, sociais, e é claro, emocionais, e infelizmente, nenhum ser humano conseguiu unir todos esses aspectos em uma concepção política como Hitler. O austríaco uniu as duas hipóteses previamente citadas e as transformou em uma máquina de guerra; agrupou a fragilidade emocional do alemão naquele período com uma forma de pensar a política como meio de salvação e busca da perfeição. Por conseguinte, o uso monstruoso da razão se entrelaçou com o sentimentalismo devocional à Hitler e ao seu estilo político.

Por meio do culto à um líder, surge mais uma característica partilhada entre política da fé e fanatismo; o aspecto religioso. Como visto anteriormente, o fanático inclina-se à simplificação, acarretando um comportamento extremista, visto que, a falta de capacidade de compreender o mundo de maneira complexa, faz com que o mesmo enxergue apenas as suas convicções; “não desejam liberdade de consciência, e sim, fé cega e autoritária” (HOFFER, 1968, p. 135). A política da fé situa-se no campo do transcendente, os seus motivos e as suas ações encontram-se legitimadas por meio de um discurso de salvação; afirma Oakeshott (2018, pp. 66-67), “os políticos e seus colaboradores são, ao mesmo tempo, os servos, os líderes e os salvadores da sociedade”.

O aspecto transcendental do fanático, aplicado à multidão, é o que Gustave Le Bon chamou de “sentimento religioso”:

Quando se examina de perto as convicções das multidões – tanto nas épocas de fé quanto nos grandes levantes políticos, como os do último século – constata-se que essas convicções sempre assumem uma forma especial, que eu não posso melhor determinar a não ser dando-lhe o nome de sentimento religioso (LE BON, p. 61, 2019).

Sumariamente, as características da política da fé alicerçam-se nas semelhanças com o fanático, o transformando em um agente devocional de uma política religiosa. Por esse prisma,

é possível constatar que o mundano se torna transcendente, que o líder se torna detentor de uma causa sagrada, e os indivíduos, agrupados em uma massa, diluídos no extremismo das próprias convicções, se tornam sacerdotes da fé que eles criaram.

De forma sucinta, as reflexões apresentadas aqui, para além das bibliografias, ultrapassando os conceitos, tem por objetivo provocar, no mínimo, um incômodo. Ora, em última análise, todas as pessoas têm preferências políticas, sejam elas através de um grau maior ou menor de emoção ou razão, contudo, a questão primordial não se trata da predileção, mas da responsabilidade com o outro. O incômodo deve vir da constante luta contra a gravidade dos extremos, “como se o desejo de pensar fosse tão indispensável quanto o desejo de saúde e de liberdade” (CAVELL, 1981, apud DAVIDSON, 2020, p. 23).

De maneira conclusiva, pensar o fanatismo e as suas manifestações nos movimentos de massa sob a perspectiva da *política da fé*, é trazer à luz os movimentos do século XX que nasceram através das características fanáticas da fé política. Por consequência, refletir criticamente sobre o extremismo é fulcral para a continuação do diálogo humano, tendo em vista que “quem abraça o extremo na política acaba compreendendo apenas a política de extremos” (OAKESHOTT, 2018, p. 43).

## Referências bibliográficas

- OAKESHOTT, M. *Política da fé e a política do ceticismo*. São Paulo: É Realizações, 2018.
- DAVIDSON, A. I. *Reflexões sobre o nacional-socialismo*. São Paulo: Editora Âyiné, 2020.
- HOFFER, E. *Fanatismo e os movimentos de massa*. Rio de Janeiro: Editora Lidor, 1968.
- FREUD, S. *Psicologia das massas e análise do eu*. Rio de Janeiro: Editora Delta, 1950.
- DAWSON, C. *The judgment of the nations*. Washington, D.C.: The Catholic University of America Press, 2011.
- LE BON, G. *Psicologia das multidões*. 3. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2019.
- DELEUZE, G. *Nietzsche e a filosofia*. Rio de Janeiro: Editora Rio, 1976.

**Thiago Santiago**

Professor de filosofia, graduado pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Mestrando em Filosofia pela mesma universidade realizando pesquisas em Ética e Filosofia Político.